

*Julia Quinn*

Como agarrar  
uma herdeira

AGENTES DA COROA

1





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

## CARTA DA AUTORA

Cara leitora,

Todo escritor tem medo da pergunta “De onde você tira suas ideias?”, porque a verdade é que, na maior parte do tempo, não sabemos. Só o que podemos fazer é torcer e rezar para que elas continuem a surgir.

Mas, às vezes, sabemos, sim, de onde vêm essas preciosas ideias, e *Como agarrar uma herdeira* é um desses casos. Estava tendo dificuldades com o original, achando que era a pior coisa que eu já havia escrito. (Mas é claro que penso isso de cada livro que escrevo!) O mais perturbador era que eu não tinha certeza se de fato conhecia Caroline, minha heroína, e se há algo que julgo fundamental, é conhecer meus personagens por dentro e por fora.

Então, bem quando eu estava prestes a arrancar os cabelos, meu pai fez algo *realmente* irritante. Ele cadastrou meu e-mail no site A Word a Day (Uma palavra por dia) para receber mensagens diárias com o significado de palavras. Como se eu já não estivesse ocupada o bastante tentando terminar um original problemático, agora ainda recebia aulas não solicitadas de vocabulário por e-mail!

Mas, então, tudo se encaixou. Eu agora conhecia Caroline, e sabia como fazer o leitor conhecê-la também. Caroline manteria uma espécie de diário – na verdade, um dicionário pessoal, no qual ela anotaria palavras novas para utilizar depois. E cada nova entrada mostraria ao leitor (e a mim!) um pouco mais do caráter da minha heroína. Dê uma olhada na primeira página de qualquer capítulo deste livro e verá a que me refiro. Daquele momento em diante, “o original que não se comportava” se tornou “o livro que se escreveu sozinho”. Espero que você goste.

Com todo o carinho,



*Para Mama Chicks, Irmã Song, Freener e Nosk, do Bools.*

*E também para Paul, embora seja um milagre eu ter  
conseguido terminar este livro, já que ele não parava de roubar  
meu computador para jogar DOOM.*

# CAPÍTULO 1

*con.tu.ber.nal* (substantivo). *Aquele que vive debaixo do mesmo teto; companheiro de habitação, camarada.*

*A ideia de Percy Prewitt como meu contubernal me dá urticária.*

*– Do dicionário pessoal de Caroline Trent*

*Hampshire, Inglaterra*

*3 de julho de 1814*

Caroline Trent não tivera a intenção de atirar em Percival Prewitt, mas o fizera, e agora ele estava morto.

Pelo menos era o que ela pensava. Sem dúvida havia bastante sangue. Escorria pelas paredes, encharcando o chão, e as roupas de cama estavam tão manchadas que seriam irrecuperáveis. Caroline não entendia muito de medicina, mas tinha quase certeza de que um corpo não poderia perder tanto sangue e ainda permanecer vivo.

Ela estava bem encrencada agora.

– Maldição – resmungou.

Embora fosse de origem nobre, nem sempre fora criada em circunstâncias particularmente nobres e, às vezes, seu linguajar deixava um pouco a desejar.

– Homem estúpido – disse ela para o corpo no chão. – Por que teve que se atirar em cima de mim daquele jeito? Por que não deixou essa ideia de lado? Eu disse ao seu pai que não me casaria com você. Disse a ele que não faria isso nem se você fosse o último idiota da Grã-Bretanha.

Caroline quase bateu o pé tamanha a sua frustração. Por que as palavras que dizia nunca saíam da forma como pretendia?

– O que eu quero dizer é que você é um idiota – prosseguiu, e Percy, como era de esperar, não respondeu – e que não me casaria com você mes-

mo se fosse o último homem da Grã-Bretanha, e... Ah, maldição! Por que estou conversando com você, afinal? Está completamente morto.

Caroline gemeu. Que diabo deveria fazer agora? O pai de Percy provavelmente retornaria em apenas duas horas, e não era necessário um diploma de Oxford para deduzir que Oliver Prewitt não ficaria satisfeito ao encontrar o filho morto no chão.

– Dane-se o seu pai – afirmou ela. – No fim das contas, é tudo culpa dele. Isso não teria acontecido se ele não tivesse ficado tão obcecado em conseguir a qualquer custo uma herdeira para você...

Oliver Prewitt era o tutor legal de Caroline, ou ao menos seria pelas próximas seis semanas, até ela completar 21 anos. Caroline vinha contando os dias até 14 de agosto de 1814 desde 14 de agosto de 1813, quando fizera 20 anos. Agora só faltavam quarenta e dois dias. Quarenta e dois dias e ela finalmente teria o controle da própria vida e do próprio destino. Caroline não quis nem pensar quanto de sua herança já havia sido desperdiçado pelos Prewitts.

Ela jogou o revólver na cama, levou as mãos aos quadris e continuou encarando Percy.

Então... ele abriu os olhos.

– Aaaaai! – Caroline deixou escapar um grito alto, deu um salto e pegou o revólver.

– Sua va... – começou a dizer Percy.

– Não ouse completar a frase – avisou ela. – Ainda tenho um revólver.

– Você não seria capaz – declarou ele, tossindo, a mão no ombro ensanguentado.

– Perdão, mas as evidências parecem indicar o contrário.

Percy cerrou os lábios finos e praguejou com violência, então lançou um olhar furioso para Caroline.

– Eu disse ao meu pai que não queria me casar com você – sibilou. – Meu Deus! Imagine só... Ter que viver ao seu lado pelo resto da vida. Eu ficaria louco. Se você não me matasse antes, é claro.

– Se não queria se casar comigo, não deveria ter tentado me forçar a ceder às suas investidas.

Ele deu de ombros, mas logo uivou quando o movimento intensificou a dor em seu ombro. A expressão de Percy era de fúria quando falou:

– A senhorita tem bastante dinheiro, mas, se quer saber, não acho que valha a pena casar com você por isso.

– Faça a gentileza de dizer isso ao seu pai – retrucou Caroline, irritada.

– Ele ameaçou me deserdar se eu não me casasse com você.

– E você não poderia enfrentá-lo pelo menos uma vez nessa sua vida patética?

Percy grunhiu ao ser chamado de patético, mas, devido a seu estado enfraquecido, não pôde fazer muito mais para reagir ao insulto.

– Eu poderia ir para a América – murmurou ele. – Com certeza os selvagens seriam uma opção melhor que  *você*.

Caroline o ignorou. Ela e Percy se estranhavam desde que Caroline fora morar com os Prewitts, um ano e meio antes. Percy era uma marionete do pai, e os únicos momentos em que mostrava alguma personalidade eram quando Oliver não estava em casa. Infelizmente, a personalidade dele costumava ser cruel e mesquinha e, na opinião de Caroline, muito desinteressante.

– Acho que agora terei que salvar você – resmungou ela. – Com certeza não vale a pena ser enforcada por sua causa.

– Que gentileza a sua.

Caroline tirou a fronha de um travesseiro, embolou o tecido – de linho da melhor qualidade, provavelmente comprado com o dinheiro dela – e o pressionou contra o ferimento de Percy.

– Temos que estancar o sangramento – falou.

– Parece ter diminuído – observou Percy.

– A bala atravessou o ombro?

– Não sei. Está doendo como o diabo, mas não sei se dói mais quando a bala atravessa direto ou quando fica presa no músculo.

– Imagino que as duas formas sejam bastante dolorosas – admitiu Caroline. Ela levantou um pouco a fronha e examinou o ferimento. Então, virou o corpo dele com delicadeza para examinar as costas. – Acho que atravessou. Você também tem um buraco na parte de trás do ombro.

– Posso mesmo contar com você para me ferir duas vezes.

– Você me atraiu para o seu quarto sob o falso pretexto de precisar de uma xícara de chá para um resfriado e tentou me desonrar! O que esperava? – retrucou Caroline, ríspida.

– Por que diabo você trouxe um revólver?

– Eu sempre carregou um revólver – rebateu ela. – Faço isso desde... ora, não importa.

– Eu não teria ido até o fim – resmungou Percy.

– Como eu iria saber?

– Ora, sabe que nunca gostei de você.

Caroline pressionou o curativo improvisado contra o ombro ensanguentado de Percy talvez com um pouco mais de força do que o necessário.

– O que eu *sei* – devolveu ela, irritada – é que você e seu pai sempre gostaram muito da minha herança.

– Acho que desgosto mais de você do que gosto da sua herança – grunhiu Percy. – Para início de conversa, você é mandona demais, nem sequer é bonita e tem uma língua afiada como uma faca.

Caroline cerrou os lábios. Se tinha um modo áspero de falar, não era culpa dela. Aprendera rapidamente que sua personalidade era sua única defesa contra o desfile de péssimos tutores que fora forçada a suportar desde a morte do pai, quando tinha apenas 10 anos. Primeiro fora George Liggett, primo em primeiro grau do pai. Ele nem era tão ruim, mas certamente não sabia o que fazer com uma menina tão nova. Então George sorria para ela uma vez – apenas uma vez, entenda –, disse que tinha sido um prazer conhecê-la e largou-a em uma casa de campo com a babá e a governanta, ignorando-a.

Mas George morreria, e a guarda de Caroline passara ao primo em primeiro grau *dele*, que não tinha qualquer parentesco com ela nem com o pai dela. Niles Wickham era um velho avaro e cruel que vira na tutelada uma boa substituta para uma criada e imediatamente entregara a Caroline uma lista de tarefas mais longa do que o braço dela. Caroline cozinhou, limpou, passou a ferro, poliu, esfregou e varreu. A única coisa que ela *não fizera* fora dormir.

No entanto, Niles engasgou com um osso de galinha, ficou completamente roxo e morreu. A Corte de Justiça ficou um tanto perdida a respeito do que fazer com Caroline, que, aos 15 anos, parecia bem-educada e abastada demais para ser jogada em um orfanato. Assim, a guarda dela foi passada para Archibald Prewitt, primo em segundo grau de Niles. Archibald fora um libertino que havia considerado Caroline atraente demais para o bem dela, e foi nessa época que Caroline criou o hábito de carregar uma arma o tempo todo. Porém Archibald tinha o coração fraco, então Caroline só tivera que morar com ele por seis meses antes de comparecer



ao funeral do homem e ser levada para morar com Albert, o irmão mais novo dele.

Albert bebia muito e gostava de usar os punhos, o que fez com que Caroline aprendesse a correr rápido e a sumir de vista. Archibald sem dúvida tentara apalpá-la em qualquer ocasião possível, mas Albert era um bêbado cruel e quando a acertava... *doía*. Caroline também se tornou especialista em sentir o cheiro de bebida alcoólica até do outro lado de um cômodo. Albert nunca levantava a mão para ela quando estava sóbrio.

Mas, infelizmente, era raro que estivesse sóbrio e, em um de seus ataques de fúria, Albert chutou o cavalo com tanta força que o animal revidou. O coice acertou direto na cabeça. A essa altura, Caroline estava mais do que acostumada a se mudar, por isso, assim que o médico cobriu o rosto de Albert com o lençol, ela fez as malas e esperou que a Corte decidisse para onde seria mandada a seguir.

Logo se viu morando com o irmão mais novo de Albert, Oliver, e com o filho dele, o mesmo Percy que sangrava diante dela naquele momento. A princípio, Oliver parecera ser o melhor de todos até ali, mas Caroline percebeu rapidamente que o atual tutor não se importava com nada além de dinheiro. Depois que ele se dera conta de que a tutelada vinha com uma bela herança, decidira que Caroline – e o dinheiro dela – não lhe escaparia. Percy era apenas alguns anos mais velho que Caroline, por isso Oliver anunciou que os dois se casariam. Percy e Caroline não gostaram do plano e deixaram isso claro, mas Oliver não se importou. Ele atormentou o filho até Percy concordar. Então, passou a se dedicar a convencer Caroline de que ela deveria se tornar uma Prewitt.

Por “convencê-la”, entenda-se gritar com ela, esbofeteá-la, deixá-la com fome, trancá-la no quarto e, por fim, mandar Percy engravidá-la, para que Caroline *tivesse* que se casar com ele.

– Prefiro dar à luz um bastardo do que um Prewitt – resmungou Caroline.

– O que disse? – perguntou Percy.

– Nada.

– Você sabe que vai ter que ir embora desta casa – disse ele, mudando abruptamente de assunto.

– Acredite em mim, isso está bem claro.

– Meu pai me disse que se eu não a engravidasse, ele mesmo cuidaria disso.

Caroline chegou muito perto de vomitar.

– Como? – indagou, a voz trêmula, o que não era normal.

Até mesmo Percy era preferível a Oliver.

– Não sei para onde você pode ir, mas precisa desaparecer até seu vigésimo primeiro aniversário, que é... quando? Em breve, eu acho.

– Daqui a seis semanas – sussurrou Caroline. – Exatamente seis semanas.

– Pode fazer isso?

– Me esconder?

Percy assentiu.

– Não tenho escolha, não é mesmo? Mas precisarei de dinheiro. Tenho alguns trocados, mas não terei acesso à herança até o meu aniversário.

Percy estremeceu quando Caroline afastou a fronha do ombro dele.

– Posso lhe arranjar algum – disse ele.

– Eu lhe pagarei. Com juros.

– Ótimo. Você precisa partir esta noite.

Caroline correu os olhos pelo quarto.

– Mas essa bagunça... Temos que limpar o sangue.

– Não, esqueça isso. É melhor eu deixar você escapar por ter atirado em mim do que por eu simplesmente não conseguir fazer o que deveria.

– Um dia você vai ter que enfrentar seu pai.

– Será mais fácil com você longe. Há uma jovem absolutamente impecável a duas cidades daqui que pretendo cortejar. Ela é tranquila e pacata, e nem de perto tão magra quanto você.

Caroline imediatamente sentiu pena da pobre moça.

– Torço para que tudo dê certo para você – mentiu ela.

– Não, não torce. Mas não me importo. Na verdade, não importa o que pensa, desde que vá embora.

– Sabe de uma coisa, Percy? É exatamente assim que me sinto a seu respeito.

Surpreendentemente, Percy sorriu e, pela primeira vez em dezoito meses desde que fora morar com a geração mais nova dos Prewitts, Caroline teve uma sensação de camaradagem com aquele rapaz que era tão próximo dela em idade.

– Para onde irá? – perguntou ele.

– É melhor não saber. Dessa forma, seu pai não poderá arrancar nada de você.

– Bem pensado.

– Além do mais, não faço ideia. Não tenho nenhum parente, você sabe. Aliás, foi por isso que acabei vindo para cá. Mas depois de dez anos tendo que me defender de tutores sempre tão atenciosos, acho que consigo me virar no mundo lá fora por mais seis semanas.

– Se existe alguma mulher capaz disso, é você.

Caroline ergueu as sobrancelhas.

– Ora, Percy, isso foi um elogio? Estou pasma.

– Não chegou nem perto de ser um elogio. Que tipo de homem iria querer uma mulher que consegue se cuidar muito bem sozinha?

– O mesmo tipo de homem que conseguiria se cuidar muito bem mesmo sem o *pai* – retrucou Caroline.

Percy fechou a cara e virou a cabeça na direção da escrivania.

– Abra a gaveta de cima... não, a da direita...

– Percy, aqui ficam suas roupas de baixo! – exclamou Caroline, fechando a gaveta com força, enojada.

– Quer o dinheiro emprestado ou não? É aí que escondo.

– Bem, sem dúvida ninguém iria querer olhar aqui – murmurou ela. – Talvez se você tomasse banho com mais frequência...

– Meu Deus! – bradou Percy, impaciente. – Mal posso esperar que vá embora. Você, Caroline Trent, é a própria filha do demônio. É uma praga. Uma peste. Uma...

– Ah, cale a boca! – Caroline abriu a gaveta outra vez, aborrecida com as palavras duras dele. Ela não gostava mais de Percy do que ele gostava dela, mas quem não se incomodaria de ser comparada a gafanhotos, insetos e sapos, à peste negra e a rios se transformando em sangue? – Onde está o dinheiro?

– Na minha meia... não, na preta... não, não essa preta... sim, ali, perto do... sim, essa.

Caroline encontrou a meia em questão e sacudiu dela algumas notas e moedas.

– Santo Deus, Percy, você deve ter uma centena de libras aqui. Onde conseguiu todo esse dinheiro?

– Venho economizando há algum tempo. E surrupio uma ou duas moedas todo mês da escrivania do meu pai. Como não pego muito, ele nunca percebe.

Caroline achava difícil acreditar naquilo. Oliver Prewitt era tão obcecado por dinheiro que era estranho a pele dele não ter ficado da cor das cédulas de libra.

– Pode pegar metade do que tem aí – disse Percy.

– Só metade? Não seja idiota, Percy. Preciso me esconder por seis semanas. Posso vir a ter despesas inesperadas.

– *Eu* posso vir a ter despesas inesperadas.

– Você tem um teto sobre a sua cabeça! – irritou-se Caroline.

– Posso não ter mais se meu pai descobrir que a deixei fugir.

Caroline era obrigada a concordar com isso. Oliver Prewitt *não* ficaria satisfeito com seu único filho. Ela devolveu metade do dinheiro.

– Muito bem – disse, enfiando sua parte no bolso. – Conseguiu estancar o sangramento?

– Você não será acusada de assassinato, se é isso que a preocupa.

– Talvez seja difícil para você acreditar, Percy, mas não quero que morra. Não quero me casar com você, e com certeza não ficarei triste se nunca voltar a olhar para o seu rosto, mas não quero que morra.

Percy a encarou com uma expressão estranha e, por um momento, Caroline pensou que ele iria dizer algo gentil em retribuição (pelo menos algo tão gentil quanto ela dissera). Mas Percy apenas bufou.

– Tem razão. Acho mesmo difícil acreditar.

Naquele momento, Caroline decidiu deixar de lado qualquer vestígio de sentimentalismo e saiu pisando firme em direção à porta. Já com a mão na maçaneta, anunciou:

– Eu o verei em seis semanas... quando vier tomar posse da minha herança.

– E devolverá o meu dinheiro – lembrou ele.

– E devolverei o seu dinheiro. Com juro – acrescentou ela antes que Percy o fizesse.

– Ótimo.

– Por outro lado – disse Caroline, mais para si mesma –, deve haver um modo de conduzir os negócios sem que seja necessário encontrar os Prewitts outra vez. Eu poderia fazer tudo por meio de um advogado, e...

– Melhor ainda – interrompeu Percy.

Caroline bufou alto, muito irritada, e saiu do quarto. Percy nunca mudaria. Era um rapaz rude, egoísta e, mesmo sendo um pouco mais gentil que o pai... ora, ainda era grosseiro e desajeitado.

Ela desceu às pressas o corredor escuro e subiu um lance de escadas até seu quarto. Era engraçado como seus tutores sempre lhe davam quartos no sótão. Oliver fora pior que a maioria e a relegara a um canto poeirento, com o teto baixo e calhas fundas. Mas, se a intenção dele fora desanimá-la, tinha falhado. Caroline amava seu quartinho aconchegante. Era mais perto do céu. Ela podia ouvir a chuva cair no telhado e ver os galhos das árvores se encher de flores na primavera. Os pássaros faziam ninhos do lado de fora da janela e era comum avistar esquilos correndo pelo parapeito.

Ela começou a jogar os pertences favoritos dentro de uma bolsa, mas parou para espiar pela janela. Fora um dia sem nuvens e, naquele momento, o céu estava muito claro. O fato de aquela ser uma noite estrelada parecia, de algum modo, combinar com o momento. Caroline guardava poucas recordações da mãe, mas lembrava-se de se sentar no colo dela do lado de fora de casa, nas noites de verão, para olhar as estrelas.

– Olhe aquela – sussurrava Cassandra Trent. – Acho que é a mais brilhante do céu. E olhe para lá. Consegue ver a Ursa? – Aqueles momentos sempre terminavam com Cassandra dizendo: – Cada estrela é especial. Sabia disso? Sei que às vezes todas parecem iguais, mas cada uma é especial e diferente, assim como você. Você é a garotinha mais especial do mundo. Não se esqueça disso.

Caroline era jovem demais na época para perceber que Cassandra estava morrendo, mas agora se sentia grata pelo último presente da mãe. Não importava quão triste ou desolada estivesse – e os últimos dez anos haviam lhe dado muitas razões para se sentir assim –, ela só precisava olhar para o céu para ficar em paz. Se uma estrela brilhasse, ela se sentia segura e aconchegada. Talvez não tanto quanto se sentira aquela menininha no colo da mãe, muitos anos antes, mas pelo menos as estrelas lhe davam esperança. Elas resistiam, então Caroline também poderia resistir.

Ela examinou o quarto uma última vez para se certificar de que não deixara nada para trás, jogou algumas velas de sebo na bolsa, para o caso de precisar, e saiu. A casa estava quieta; todos os criados haviam ganhado a noite de folga – possivelmente para não haver testemunhas quando Percy a atacasse. Era típico de Oliver pensar à frente. Caroline só ficava surpresa por ele não ter tentado essa tática antes. Ele provavelmente achara, a princípio, que conseguiria fazer com que ela se casasse com o filho sem recorrer

à desonra. Porém, agora que o aniversário de 21 anos de Caroline se aproximava, Oliver começava a ficar desesperado.

E Caroline também. Se tivesse que se casar com Percy, morreria. E não se importava nem um pouco em soar melodramática. A única coisa pior que a ideia de vê-lo todos os dias pelo resto da vida era ter que *ouvi-lo* todos os dias pelo resto da vida.

Caroline seguia pelo saguão em direção à porta da frente quando percebeu o novo candelabro de Oliver pousado majestosamente sobre uma mesa lateral. Ele vinha se gabando da peça a semana toda. Prata de lei, dissera. O mais elegante trabalho artesanal. Caroline gemeu. Antes de se tornar tutor dela, Oliver não podia arcar com candelabros de prata de lei.

Era irônico, na verdade. Caroline teria ficado feliz em compartilhar sua fortuna – até mesmo em doá-la – se houvesse encontrado um lar com uma família que a amasse, que se importasse com ela. Alguém que visse nela algo além de um burro de carga com uma conta bancária.

Em um impulso, Caroline tirou as velas de cera de abelha do candelabro e as substituiu pelas velas de sebo que levava na bolsa. Se precisasse acender uma vela em suas andanças, queria poder sentir o aroma doce da cera de abelha que Oliver reservara para si.

Ela correu para fora de casa, grata pelo clima quente.

– Foi bom Percy não ter decidido me atacar no inverno – murmurou, descendo pelo caminho que levava à entrada da propriedade.

Caroline teria preferido cavalgar – qualquer coisa que a fizesse ir embora de Hampshire o mais rápido possível –, mas Oliver mantinha apenas dois cavalos, que naquele momento estavam atrelados à carruagem que o levaria ao carteadado semanal na casa do escudeiro.

Caroline tentou enxergar o lado bom da situação e lembrou a si mesma que poderia se esconder com mais facilidade se estivesse a pé, apesar de ser a forma mais lenta. E se esbarrasse com salteadores...

O pensamento a fez estremecer. Uma mulher sozinha chamava muita atenção. E seus cabelos castanho-claros pareciam refletir toda a luz do luar, mesmo que a maior parte deles estivesse enfiada debaixo de um chapéu. Havia pensado em se vestir como um rapaz, mas não tivera tempo. Talvez devesse seguir pela costa até o porto mais próximo, sempre cheio. Não era tão distante. Ela conseguiria viajar mais rápido pelo mar e ficaria longe o bastante para que Oliver não pudesse encontrá-la no período de seis semanas.

Sim, teria que ser para a costa. Mas não seguiria pelas estradas principais. Alguém poderia vê-la. Caroline rumou para o sul e passou a cortar caminho por um pasto. Eram apenas 25 quilômetros até Portsmouth. Se andasse rápido a noite inteira, alcançaria o porto pela manhã. Então conseguiria comprar uma passagem em um navio que a levasse para outra parte da Inglaterra. Não queria deixar o país, afinal, precisaria reclamar sua herança em apenas seis semanas.

Mas o que deveria fazer naquele meio-tempo? Estivera afastada da sociedade por um período tão longo que nem mesmo sabia se estava qualificada para qualquer tipo de trabalho mais nobre. Achou que talvez pudesse ser uma boa governanta, mas provavelmente levaria as seis semanas que tinha apenas para encontrar uma vaga. Então... ora, não era justo aceitar a posição de governanta e abandoná-la poucas semanas mais tarde.

Caroline sabia cozinhar, e seus tutores com certeza haviam se certificado de que aprendesse a limpar a casa. Talvez pudesse trabalhar em troca de um teto e comida em alguma estalagem pouco conhecida e  *muito* fora do caminho.

Ela assentiu para si mesma. Fazer limpeza para estranhos não era uma atividade das mais atraentes, mas parecia ser a única esperança de Caroline para garantir sua sobrevivência nas próximas semanas. Mas não importava o que fizesse, precisava se afastar de Hampshire e dos condados vizinhos. Trabalharia em uma estalagem, mas teria que ser bem longe de Prewitt Hall.

Então ela apertou o passo na direção de Portsmouth. A relva sob seus sapatos era macia e seca e as árvores a protegiam da vista da estrada principal. Não havia muito movimento naquela hora da noite, mas cautela nunca era demais. Caroline andava rapidamente e o único som que ouvia era o dos próprios passos conforme as botas encontravam o solo. Até que...

O que tinha sido aquilo?

Caroline se virou, mas não viu nada. O coração dela acelerou. Poderia jurar que ouvira alguma coisa.

– Foi só um ouriço – sussurrou para si mesma. – Ou talvez uma lebre.

Mas não viu nenhum animal, e não se tranquilizou.

– Apenas continue a andar – ordenou a si mesma. – Você precisa chegar a Portsmouth pela manhã.

Ela retomou a caminhada, tão acelerada agora que sua respiração começou a ficar cada vez mais ofegante. Então...

Ela se virou de novo, a mão indo instintivamente para o revólver. Dessa vez com certeza ouvira alguma coisa.

– Sei que está aí – disse em um tom desafiador que não demonstrava o nervosismo que sentia. – Mostre seu rosto ou permaneça escondido como um covarde.

Ela ouviu um farfalhar e um homem emergiu de entre as árvores. Estava todo vestido de preto, da camisa às botas – até o cabelo era preto. Era alto, de ombros largos, e definitivamente o homem de aparência mais perigosa que Caroline já vira.

E ele tinha um revólver apontado bem na direção do coração dela.

## CAPÍTULO 2

**pug.naz** (*adjetivo*). *Disposto ao combate; que tem o hábito de brigar; brigão.*

*Posso ser pugnaz quando acuada.*

*– Do dicionário pessoal de Caroline Trent*

**B**lake Ravenscroft não sabia bem como imaginara que seria a aparência da mulher, mas com certeza não era aquela. Achara que seria suave, recatada e manipuladora. Em vez disso, a jovem à sua frente estava parada muito ereta, os ombros para trás, encarando-o nos olhos.

E tinha a boca mais intrigante que ele já vira. Blake sentia-se incapaz de descrevê-la, a não ser pelo fato de que o lábio superior se arqueava do modo mais delicioso e...

– Poderia apontar esse revólver para outro lugar?

A pergunta interrompeu o devaneio de Blake, que ficou estarrecido pela falta de concentração.

– A senhorita gostaria disso, não é mesmo?

– Ora, sim, na verdade, gostaria. Tenho um probleminha com revólveres, se é que me entende. Não exatamente com a arma em si. Eles são bons



para alguns propósitos, imagino.... para caçar e coisas do gênero. Mas a ideia de tê-los apontados para *mim* não me agrada muito, e...

– Quieta!

Ela se calou.

Blake examinou-a por um longo instante. Algo estava errado em relação à mulher. Carlotta De Leon era espanhola... bem, metade espanhola, pelo menos, e aquela moça parecia inglesa da cabeça aos pés. Os cabelos não poderiam ser descritos como louros, mas com certeza eram de um tom acastanhado, e mesmo no escuro da noite ele conseguia notar que seus olhos eram de um azul-esverdeado claro.

Sem falar da voz, que deixava transparecer um leve sotaque da elite britânica.

Mas ele a vira se esgueirar para fora da casa de Oliver Prewitt. Na calada da noite. Quando todos os criados haviam sido dispensados. Só podia ser Carlotta De Leon. Não havia outra explicação.

Blake – e o Departamento de Guerra, que não era bem seu empregador, mas lhe passava missões e uma ordem de pagamento ocasional – já estava atrás de Oliver Prewitt havia quase seis meses. As autoridades locais sabiam fazia algum tempo que Prewitt contrabandeava mercadorias da França e vice-versa, mas só recentemente tinham começado a suspeitar de que ele permitia que espiões de Napoleão usassem seu pequeno barco para transportar mensagens diplomáticas junto com as cargas habituais de coque e seda. Como o barco de Prewitt zarpava de uma pequena enseada no sul da costa, entre Portsmouth e Bournemouth, o Departamento de Guerra a princípio não prestara muita atenção às suas movimentações. A maior parte dos espiões atravessava por Kent, que era muito mais perto da França. A localização aparentemente inconveniente do barco de Prewitt acabara sendo um excelente estratagema, e o Departamento de Guerra temia que as forças de Napoleão o estivessem usando para as mensagens mais importantes. Um mês antes, haviam descoberto que o contato de Prewitt era uma tal Carlotta De Leon: meio espanhola, meio inglesa e cem por cento letal.

Blake estivera de tocaia a noite toda, desde que soubera que todos os criados de Prewitt tinham ganhado a noite de folga – um gesto incomum para um homem tão notoriamente mesquinho quanto Oliver Prewitt. Era óbvio que havia algo em andamento, e as suspeitas de Blake foram confirmadas

quando ele viu a jovem se esgueirar da casa, protegida pela escuridão da noite. Ela era um pouco mais nova do que ele imaginara, mas Blake não permitiria que a feição inocente da mulher o detivesse. Carlotta De Leon devia cultivar aquela aparência de desabrochar da juventude de propósito. Quem iria suspeitar que uma jovem dama tão adorável fosse culpada de alta traição?

Os cabelos longos da jovem estavam puxados para trás em uma trança, o rosto tinha a cor rosada de uma pele bem lavada, e...

E a mão delicada estava sendo lentamente enfiada no bolso.

Os instintos apurados de Blake assumiram o controle. O braço esquerdo dele disparou a uma velocidade impressionante e afastou a mão dela do alvo enquanto ele se inclinava para a frente. Blake jogou o peso todo em cima dela e os dois caíram no chão. O corpo da jovem era macio sob o dele, a não ser, é claro, pela rigidez do metal do revólver no bolso da capa dela. Se Blake pudesse ter tido alguma dúvida da identidade da dama, agora não tinha mais. Ele pegou a arma dela, enfiou-a no cós da calça e se levantou, deixando-a deitada no chão.

– Muito amador, minha cara.

Ela pareceu ainda um pouco atordoada, então murmurou:

– Bem, sim. É de esperar, já que não sou uma profissional nesse tipo de coisa, embora tenha alguma experiência com...

As palavras ficaram abafadas em um murmúrio ininteligível, e Blake não teve certeza se a jovem falava consigo mesma ou com ele.

– Estou atrás da senhorita há quase um ano – disse Blake com rispidez.

A frase chamou a atenção dela.

– Está?

– Não que eu soubesse sua identidade até o mês passado. Mas agora que a capturei, não vou deixá-la escapar.

– Não vai?

Blake a encarou, confuso e irritado. Qual era o jogo daquela mulher?

– Acha que sou idiota? – perguntou ele, ainda mais irritado.

– Não – retrucou ela. – Acabei de escapar de um covil de idiotas e estou bastante familiarizada com a raça, e o senhor é completamente diferente. No entanto, estou *torcendo* para que não seja um excelente atirador.

– Eu nunca erro.

Ela suspirou.

– Sim, era o que eu temia. O senhor parece ser esse tipo. Bem, se incomoda se eu me levantar?

Blake alterou a posição do revólver que empunhava em menos de um milímetro, apenas o suficiente para lembrá-la de que estava mirando em seu coração.

– Na verdade, acho que prefiro que fique no chão.

– Tive a sensação de que iria preferir – murmurou ela. – Suponho que não vá me deixar seguir meu caminho.

A resposta dele foi uma gargalhada.

– Temo que não, minha cara. Seus dias de espia estão terminados.

– Meus dias de... meus *o quê?*

– O governo britânico sabe tudo a seu respeito e sobre suas conspirações traiçoeiras, Srta. Carlotta De Leon. Acredito que vá acabar descobrindo que não vemos espãs espanholas com bons olhos.

O rosto dela era a imagem perfeita do espanto. Por Deus, a mulher era boa.

– O governo sabe sobre mim? – perguntou ela. – Espere um momento, sobre *quem?*

– Não banque a tonta, Srta. De Leon. Sua inteligência é bastante conhecida tanto aqui quanto no continente.

– De fato é um elogio muito gentil, mas temo que haja algum engano.

– Não há engano nenhum. Eu a vi deixando Prewitt Hall.

– Sim, é claro, mas...

– No escuro – continuou ele –, quando todos os criados haviam sido dispensados. Não percebeu que estávamos observando a propriedade, não é?

– Não, é claro que não – retrucou Caroline, a expressão totalmente confusa. Alguém estivera observando a casa? Como ela não percebera? – Há quanto tempo?

– Duas semanas.

Isso explicava tudo. Ela passara as duas últimas semanas em Bath, cuidando da tia solteirona de Oliver, que estava doente. Só retornara naquela tarde.

– Mas foi tempo o bastante para confirmar nossas suspeitas – continuou ele.

– Suas suspeitas? – repetiu ela.

De que diabo ele estava falando? Se fosse louco, ela estaria bastante encrocada, porque o revólver ainda estava apontado para o peito dela.

– Temos informações suficientes para acusar Prewitt. Seu testemunho vai assegurar que ele seja enforcado. E a senhorita, minha cara, vai aprender a amar a Austrália.

Caroline arquejou, os olhos se iluminando de prazer. Oliver estava envolvido em algo ilegal? Ah, que maravilha! Perfeito! Ela deveria ter imaginado que ele não passava de um canalha desprezível. A mente de Caroline estava em disparada. Apesar do que o homem de preto dissera, ela duvidava que Oliver tivesse feito algo terrível o bastante para ser enforcado. Mas talvez fosse mandando para a cadeia. Ou forçado à servidão. Ou...

– Srta. De Leon? – chamou o homem, ríspido.

O tom de Caroline era animado e ofegante quando ela perguntou:

– O que Oliver anda fazendo?

– Pelo amor de Deus, mulher, já cansei dessa sua encenação. Venha comigo. – Ele se adiantou com um grunhido ameaçador e agarrou-a pelos pulsos. – Agora!

– Mas...

– Nem mais uma palavra a menos que seja uma confissão.

– Mas...

– Basta! – Ele enfiou um pedaço de pano na boca de Caroline. – Terá bastante tempo para falar mais tarde, Srta. De Leon.

Caroline tossiu e grunhiu furiosamente enquanto o homem amarrava seus pulsos com um pedaço de corda áspera. Então, para espanto dela, ele levou dois dedos à boca e soltou um assobio alto. Um glorioso cavalo negro irrompeu das árvores, os passos longos e graciosos.

Enquanto ela ainda se encantava com o animal – que devia ser o mais silencioso e bem treinado da história da criação –, o homem a colocou sobre a sela.

– Iiii, xirrr... – grasnou Caroline, absolutamente incapaz de falar com o pedaço de pano enfiado na boca.

– O que foi? – O homem ergueu o olhar para Caroline e percebeu o modo como as saias estavam enroladas nas pernas dela. – Ah, suas saias. Posso cortá-las, ou a senhorita pode dispensar o decoro.

Ela o encarou com severidade.

– O decoro se vai, então – disse ele, e levantou as saias de Caroline para que ela pudesse montar no cavalo com mais conforto. – Lamento por não ter pensado em trazer uma sela lateral, Srta. De Leon, mas acredite em mim, tem muito mais com que se preocupar agora do que com o fato de eu ver suas pernas nuas.

Ela o chutou no peito.

A mão dele se fechou dolorosamente ao redor do tornozelo dela.

– Nunca – disse ele, irritado – chute um homem que está apontando um revólver na sua direção.

Caroline empinou o nariz e olhou para o lado oposto. Aquela farsa já fora longe demais. Assim que se livrasse daquela maldita mordança, contaria àquele bruto que nunca sequer ouvira falar da tal Srta. Carlotta De Leon. E faria com que a força da lei se abatesse sobre ele com tanta força que o homem imploraria pelo nó do carrasco na forca.

Mas, enquanto isso, teria que se contentar em atormentar a vida dele. Assim que o homem montou no cavalo e se acomodou atrás dela na sela, Caroline enfiou os cotovelos nas costelas dele. Com força.

– O que foi agora?

Ela deu de ombros, com ar inocente.

– Mais um movimento como esse e vou enfiar um segundo trapo em sua boca. E será bem menos limpo que o primeiro.

Como se aquilo fosse possível, constatou Caroline com raiva. Ela não queria nem *pensar* por onde andara aquele pedaço de pano antes de ser enfiado em sua boca. Tudo o que pôde fazer foi encarar o homem com irritação e, pelo modo como ele bufou, Caroline desconfiou que não tinha conseguido assustá-lo nem um pouco.

Mas então ele conduziu o cavalo a meio-galope e Caroline percebeu que, apesar de não estarem indo em direção a Portsmouth, também não estavam seguindo para nenhum lugar próximo de Prewitt Hall.

Se suas mãos não estivessem amarradas, Caroline teria batido palmas de alegria. Ela não teria conseguido fugir de modo mais eficaz de Prewitt Hall nem se tivesse arranjado transporte por conta própria. Aquele homem pensava que ela era outra pessoa – uma criminosa espanhola, para ser mais precisa –, mas Caroline esclareceria tudo depois que ele a levasse para bem longe dali. Enquanto isso, ficaria calada e imóvel e o deixaria incitar o cavalo a pleno galope.



Meia hora mais tarde, um Blake Ravenscroft muito desconfiado apeou em frente a Seacrest Manor, perto de Bournemouth, em Dorset. Carlotta De Leon, que fizera tudo menos atirar nos dedos dos pés dele quando fora

encurralada na planície, não mostrara a mínima resistência durante todo o trajeto até a costa. Ela não se debatera nem tentara escapar. Na verdade, ficara tão quieta que o lado cavalheiro de Blake – que erguia a cabeça educada com frequência demais para o gosto dele – sentiu-se tentado a remover a mordação.

Mas ele resistiu ao impulso de ser gentil. O marquês de Riverdale, seu amigo mais próximo e parceiro frequente no combate ao crime, já lidara com a Srta. De Leon antes e avisara a Blake que ela era ardilosa e letal. A mordação e as cordas que amarravam seus pulsos não seriam removidas até que a mulher estivesse devidamente trancafiada.

Blake tirou-a do cavalo e segurou-a com firmeza pelo cotovelo enquanto a levava para a casa dele. Havia apenas três criados ali – todos muito discretos –, e estavam acostumados a visitantes estranhos no meio da noite.

– Suba as escadas – grunhiu ele, empurrando-a pelo saguão.

Ela assentiu alegremente – *alegremente???* – e acelerou o passo. Blake conduziu-a até o andar de cima e empurrou-a para dentro de um quarto pequeno, mas confortavelmente mobiliado.

– Só para garantir que a senhorita não pense em escapar – avisou ele com rudeza, levantando duas chaves –, a porta tem duas trancas.

Caroline limitou-se a olhar para a maçaneta, sem esboçar qualquer reação.

– E são mais de 15 metros de altura até o chão. Logo, eu não recomendaria que tentasse a janela – acrescentou Blake.

Ela deu de ombros, como se nem por um momento tivesse considerado a janela como uma opção viável de fuga.

Blake a encarou com irritação por causa da despreocupação que a jovem demonstrava e prendeu os pulsos dela à coluna da cama.

– Não quero que tente nada enquanto eu estiver ocupado.

Ela sorriu para ele – o que era um feito e tanto com a mordação suja na boca.

– Maldição – murmurou Blake.

Ele estava absolutamente confuso com ela, e não gostava nem um pouco da sensação. Blake se assegurou de que as amarras estavam seguras e começou a inspecionar o quarto para se certificar de que não havia deixado à mostra qualquer objeto que a mulher pudesse usar como arma. Ouvira dizer que Carlotta De Leon era habilidosa, e não planejava ser lembrado como o tolo que a subestimara.

Blake colocou no bolso uma pena e um peso de papel antes de empurrar uma cadeira para o corredor. Não achava que ela fosse forte o bastante para quebrar a peça de mobília, mas caso Carlotta conseguisse de algum modo arrancar uma das pernas da cadeira, as farpas da madeira já seriam uma arma perigosa.

Ela o encarou com interesse quando ele voltou.

– Se quiser se sentar – disse Blake secamente –, pode usar a cama.

Ela inclinou a cabeça de um modo irritantemente simpático e se sentou. Não que tivesse muita escolha, afinal suas mãos estavam amarradas à coluna da cama.

– Não tente me conquistar sendo cooperativa – avisou ele. – Sei tudo a seu respeito.

Ela deu de ombros.

Blake bufou, irritado, e virou as costas para ela enquanto terminava de examinar o quarto. Por fim, quando ficou satisfeito achando que o cômodo daria uma prisão aceitável, encarou Carlotta com as mãos nos quadris.

– Se tiver qualquer outra arma, é melhor entregá-la agora, já que terei que revistá-la.

A jovem recuou, com uma expressão de horror virginal, e Blake ficou satisfeito por finalmente ter conseguido abalá-la. Ou então ela era uma atriz bastante prodigiosa.

– Está carregando alguma arma? Eu lhe garanto que serei bem menos delicado se descobrir que tentou esconder algo.

Ela fez que não com a cabeça freneticamente e estirou as cordas, como se tentasse se afastar dele o máximo possível.

– Também não vou gostar de fazer isso – resmungou Blake.

Ele tentou não se sentir um ogro enquanto ela fechava os olhos com força, a expressão carregada de medo e resignação. Blake sabia que as mulheres podiam ser tão más e perigosas quanto os homens – sete anos de trabalho para o Departamento de Guerra o haviam convencido desse fato básico –, mas ele nunca se acostumava àquela parte do trabalho. Fora criado para tratar as mulheres como damas, e revistar uma mulher contra a vontade dela era contrário a tudo em que acreditava.

Blake soltou um dos pulsos dela para que pudesse remover a capa e começou a revistar os bolsos. Não encontrou nada interessante, a não ser por 50 libras em notas e moedas, o que parecia uma soma insignificante para

uma espã tão conhecida. Então voltou sua atenção para a pequena bolsa de viagem que ela levava e esparramou o conteúdo sobre a cama. Duas velas de cera de abelha – só Deus sabia para que ela queria aquilo –, uma escova de cabelos de cabo de prata, uma pequena Bíblia, um caderno de capa de couro e algumas roupas de baixo que ele não conseguiu se forçar a macular com seu toque. Blake achava que todos mereciam certa privacidade, até mesmo espãs traiçoeiras.

Ele pegou a Bíblia e folheou-a rapidamente, para se certificar de que não havia nada escondido entre as páginas. Satisfeito pelo fato de o livro não conter nada inconveniente, jogou-o de volta sobre a cama, notando com interesse que ela se encolheu ao vê-lo fazer isso.

Em seguida Blake segurou o caderno e o examinou. Apenas as primeiras páginas continham algumas anotações.

– “Contubernal” – leu ele em voz alta. – “Plácido. Diacrítico. Caprichar. Diérese.” – Blake ergueu as sobrancelhas enquanto lia. Três páginas cheias de palavras dignas de menção em Oxford ou Cambridge. – O que é isso?

Ela moveu o ombro na direção da boca, indicando a mordça.

– Está bem – falou Blake com um breve aceno, e pousou o caderno ao lado da Bíblia. – Mas antes de eu retirar a mordça, terei que... – Ele se interrompeu e bufou, aborrecido. Os dois sabiam muito bem o que Blake teria que fazer. – Se não resistir, poderei ser mais rápido – avisou ele, carrancudo.

Todo o corpo dela estava tenso, mas Blake tentou ignorar a aflição da jovem enquanto a apalpava rapidamente.

– Pronto, terminamos – disse ele, a voz brusca. – Devo dizer que estou surpreso por não estar carregando nada além daquele revólver.

Ela o encarou carrancuda em resposta.

– Vou retirar a mordça agora, mas, se gritar, ela voltará para o lugar na hora.

A jovem assentiu brevemente e tossiu quando ele retirou a mordça.

Blake se apoiou contra a parede em uma postura insolente e perguntou:

– E então?

– De qualquer forma, ninguém me ouviria se eu gritasse.

– Isso é verdade – concordou ele. Seus olhos se desviaram para o caderno com capa de couro e ele o pegou. – Agora, imagino que vá me contar de que se trata isto.



Ela deu de ombros.

– Meu pai sempre me encorajou a expandir meu vocabulário.

Blake a encarou, incrédulo, e voltou a folhear as páginas. Era algum tipo de código. Tinha que ser. Mas ele estava cansado e sabia que se ela confessasse alguma coisa naquela noite não seria nada tão comprometedor quanto a chave para um código secreto. Por isso, jogou o caderno sobre a cama e disse:

– Conversaremos mais a respeito amanhã.

Ela deu de ombros mais uma vez, daquele seu modo irritante.

Blake cerrou os dentes.

– Tem algo a dizer em sua defesa?

Caroline esfregou os olhos e lembrou a si mesma que precisava permanecer nas boas graças daquele homem. Ele parecia perigoso e, apesar do óbvio desconforto que deixou transparecer ao revistá-la, ela não tinha dúvidas de que a machucaria se considerasse necessário para sua missão.

Fosse ela qual fosse.

Caroline sabia que estava jogando um jogo perigoso. Queria permanecer ali naquela casa confortável pelo maior tempo possível – certamente era um abrigo mais quente e seguro do que qualquer lugar que pudesse pagar. No entanto, para isso, teria que deixar que aquele homem continuasse a acreditar que ela era aquela tal Carlotta. Não tinha ideia de como conseguir isso, não sabia falar espanhol e com certeza não sabia como uma criminosa deveria agir ao ser presa e amarrada à coluna de uma cama.

Ela imaginou que Carlotta tentaria negar tudo.

– Pegou a pessoa errada – disse, sabendo que ele não acreditaria e, ao mesmo tempo, sentindo um prazer travesso por saber que estava dizendo a verdade.

– Rá – grunhiu ele. – Com certeza consegue pensar em algo um pouco mais original para dizer.

Ela deu de ombros.

– Acredite no que quiser.

– Parece que a senhorita tem muita autoconfiança para alguém que está claramente em desvantagem.

Ele tinha certa razão, admitiu Caroline. Mas se Carlotta fosse mesmo uma espia, seria uma mestra nas bravatas.

– Não aprecio ser amarrada, amordaçada, arrastada pelo campo e atada à coluna de uma cama. Muito menos – provocou – ser forçada a me submeter ao seu toque insultuoso.

Ele fechou os olhos por um momento. Se Caroline estivesse menos atenta, poderia até ter pensado que o homem sentia algum desconforto. Então ele reabriu os olhos e a encarou com uma expressão dura e distante.

– Acho difícil acreditar que tenha chegado tão longe em sua profissão sem nunca ter sido revistada, Srta. De Leon.

Caroline não sabia o que responder, portanto apenas o encarou com severidade.

– Ainda estou esperando que fale.

– Não tenho nada a dizer.

Pelo menos isso era verdade.

– Talvez reveja sua opinião depois de alguns dias sem água e comida.

– Planeja me deixar na penúria, então?

– Sim, isso já dobrou homens mais fortes antes.

Caroline não considerara essa hipótese. Sabia que ele gritaria com ela, pensou até que poderia bater nela, mas nunca lhe ocorrera a possibilidade de ele a deixar sem água nem comida.

– Vejo que essa alternativa não lhe entusiasma – disse ele, lentamente.

– Me deixe em paz – retrucou ela, irritada.

Precisava bolar um plano. Precisava descobrir quem diabo era aquele homem. E, acima de tudo, precisava de tempo.

Caroline o encarou e disse:

– Estou cansada.

– Não duvido disso, mas não me sinto muito inclinado a deixá-la dormir.

– Não precisa se preocupar com o meu conforto. É pouco provável que eu me sinta descansada depois de passar a noite amarrada à coluna da cama.

– Ah, isso – disse ele e, com um passo rápido e um movimento ágil, libertou-a.

– Por que fez isso? – perguntou ela, desconfiada.

– Porque eu quis. Além do mais, a senhorita não possui armas, dificilmente conseguiria me dominar fisicamente e não tem como escapar. Boa noite, Srta. De Leon.

Ela ficou boquiaberta.

– Está indo embora?

– Eu lhe desejo uma boa noite.

O homem se virou e saiu do quarto, deixando-a com os olhos grudados à porta.

Caroline ouviu as chaves girando nas duas fechaduras antes de recuperar a compostura.

– Meu Deus, Caroline – sussurrou para si mesma –, onde é que você foi se meter?

Seu estômago roncou, e ela desejou ter comido alguma coisa antes de ter fugido naquela noite. O sequestrador dela parecia ser um homem de palavra e, se ele dissesse que não lhe daria água nem comida, ela acreditava nele.

Caroline correu para a janela e olhou para fora. Ele não mentira. Eram pelo menos 25 metros até o chão. Mas havia um peitoril e, se ela conseguisse encontrar algum tipo de receptáculo, poderia recolher água da chuva e orvalho. Já passara fome antes, sabia que conseguiria suportar. Mas sede era bem diferente.

Ela encontrou um pote pequeno, cilíndrico, usado para guardar as penas na escrivaninha. O céu ainda estava claro, mas já sabendo como era instável o tempo na Inglaterra, Caroline imaginou que havia uma chance razoável de chover antes do amanhecer, por isso colocou o pote sobre o peitoril só para garantir.

Em seguida foi até a cama e recolocou os pertences na bolsa. Graças aos céus seu sequestrador não percebera o que estava escrito dentro da Bíblia. A mãe deixara o livro para ela antes de morrer e o homem certamente iria querer saber por que o nome Cassandra Trent estava na primeira página. E a reação dele ao pequeno dicionário pessoal dela... santo Deus, ela teria problemas para explicar *aquilo*.

Então Caroline teve a mais estranha das sensações.

Ela tirou os sapatos e se levantou da cama, caminhando em silêncio, os pés enfiados nas meias, até chegar à parede que dava para o corredor. Em seguida se aproximou mais até alcançar a porta, dobrou o corpo e espiou pelo buraco da fechadura.

Arrá! Como imaginara. Um olho arregalado cinza a espiava de volta.

– E boa noite para você! – disse Caroline em voz alta.

Então pegou o chapéu e pendurou-o na maçaneta a fim de tapar o buraco da fechadura. Não queria dormir usando o único vestido, mas com certeza não iria despi-lo se houvesse a possibilidade de *ele* estar olhando.

Caroline o ouviu praguejar uma vez, então duas. E logo os passos do homem ecoaram conforme ele se afastava pelo corredor. Caroline ficou apenas de anágua e se enfiou na cama. Ficou olhando para o teto e começou a pensar.

Depois começou a tossir.

## CAPÍTULO 3

**pos.ta.do** (adjetivo). *Em pé; parado.*

*Não consigo contar o número de vezes em que ele ficou postado diante de mim, as mãos na cintura. Na verdade, fico nervosa só de pensar.*

*– Do dicionário pessoal de Caroline Trent*

**C**aroline tossiu a noite toda.

Tossiu durante o amanhecer.

Tossiu enquanto o céu se tornava de um azul radiante, parando apenas para checar seu coletor de água sobre o parapeito. Maldição. Nada. Teria ficado feliz com apenas algumas gotas de chuva ou orvalho. Sua garganta parecia em chamas.

Mas com a garganta dolorida ou não, seu plano funcionara maravilhosamente bem. Quando abriu a boca para testar a voz, o som que saiu teria envergonhado um sapo.

Na verdade, ela achava que o próprio sapo teria ficado envergonhado se fizesse um barulho como aquele. Sem dúvida, Caroline conseguira se tornar temporariamente muda. Aquele homem poderia lhe fazer as perguntas que quisesse, ela não seria capaz de responder nada.

Só para garantir que seu sequestrador não pensaria que ela estava fingindo a aflição que sentia, Caroline abriu bem a boca e olhou no espelho, inclinando a cabeça para que a luz do sol iluminasse sua garganta.

Estava bem vermelha. A garganta dela parecia realmente monstruosa. E as olheiras que desenvolvera por ficar acordada a noite toda tornavam sua aparência ainda pior.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)